

# A ÚLTIMA MADRUGADA J.P. CUENCA

CRÓNICAS POR

leYa

Copyright © 2012 João Paulo Cuenca

DIRETOR EDITORIAL  
Pascoal Soto

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Tainã Bispo

PRODUÇÃO EDITORIAL  
Fernanda Satie Ohosaku

ASSISTENTE EDITORIAL  
Arthur Higasi

PREPARAÇÃO DE TEXTO  
Maria Carolina de Araujo

REVISÃO DE TEXTO  
Daniela Lima

FOTO DA CAPA  
Bruno Veiga

CAPA, PROJETO GRÁFICO  
Retina 78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cuenca, João Paulo  
A última madrugada / crônicas por J. P. Cuenca. -- São Paulo :  
Leya, 2012.

ISBN 978-85-8044-439-1

1. Crônicas brasileiras I. Título.

12-03601

CDD-869.93

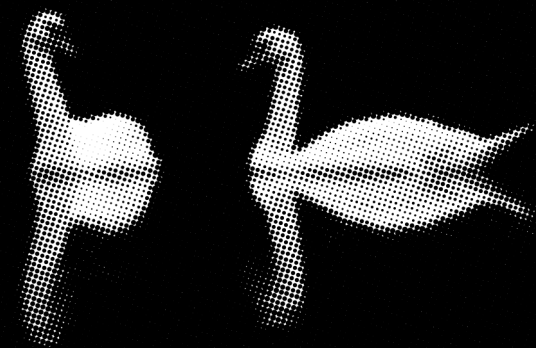
---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

2012  
Todos os direitos reservados a Texto Editores Ltda.  
[Uma editora do Grupo LeYa]  
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86  
01248-010 - Pacaembu - São Paulo - SP  
www.leya.com.br

# SUMÁRIO:

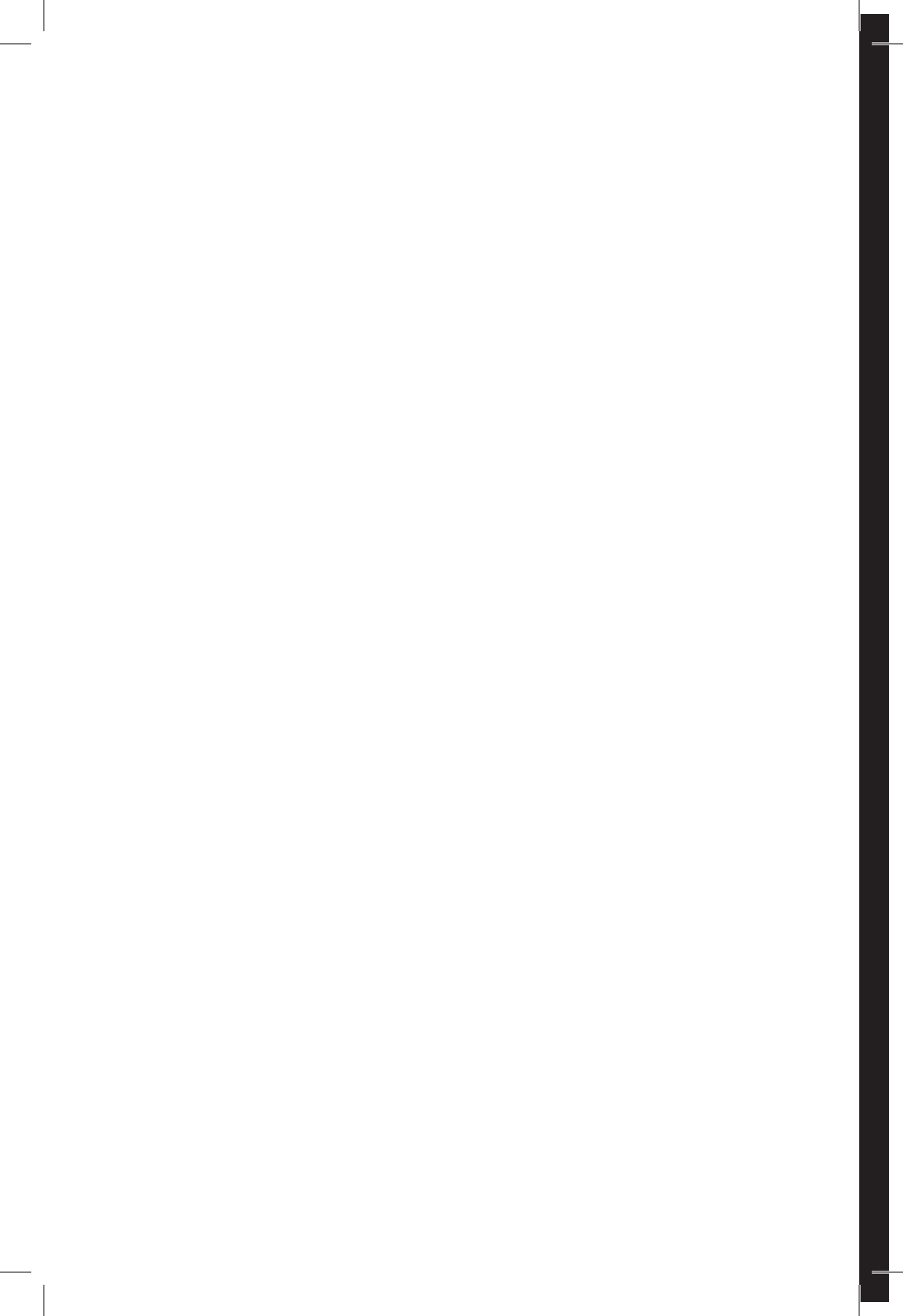
Menino de nove anos descobre a metafísica.....	9
Ore por mim .....	15
O casal desconhecido .....	21
Agoniza mas não morre .....	25
Carnaval já passou.....	29
Os objetos da mulher.....	35
Julio Cortázar e o Old Navy .....	39
As últimas vezes.....	45
A medida do tempo.....	51
A espera.....	57
Escala em Mulkishbah, Ásia Central.....	61
O fantasma que respira.....	67
O primeiro Visconde Montgomery de El Alamein.....	73
O primeiro verão dos anos 10 .....	79
Dinâmica de grupo sob luz estroboscópica.....	85
O amor de Adriano.....	89
O homem-polvo.....	95
O novo homem .....	101
Cat Power perdeu alguma coisa .....	107



---

Get Helpless .....	111
O homem de mudança .....	117
A ocupação francesa.....	123
O homem de trinta anos .....	129
Nunca mais Casa da Matriz.....	135
As bolsas imaginárias .....	141
Questão de opiniões.....	147
Eu não estou aqui, isso não está acontecendo .....	153
O quarto de hotel de Hopper em Madri.....	159
Um mundo de sombras .....	165
O último brasileiro .....	171
A cidade de madames e príncipes.....	177
Depois do Baixo Gávea.....	181
O casal que se beija.....	187
Antes do pedido.....	191
Encapsulado.....	195
O temporal .....	201
Um trem noturno .....	207
O olhar da dançarina .....	213
A pitonisa catalã .....	219
O novo mundo .....	225
A última madrugada.....	229

---





MENINO DE NOVE ANOS  
DESCOBRIR A METAFÍSICA

O que vou ser depois que eu morrer? Eu vou perder os meus pensamentos?

A partir de uma hora da manhã, a Pizzaria Guanabara começa a ser ocupada por monstruosas criaturas que ali desembarcam, sabe-se lá de quais obscuros recantos da galáxia. A esquina mais alcaloide do quadrilátero entre Ataulfo e Aristides (que ainda tem o Diagonal, o BB Lanches e o fantasma do Real Astória) ganha ares de banheiro público, onde não há privacidade entre as mesas ocupadas por louras calipíguas de farmácia e dopados de camisa polo listrada. Sob maresia leblonina e gritos de torcida, o clima é de iminente desastre.

Mas não nos concentraremos no que acontece ao fundo do quadro, e sim no que é dito em nossa mesa, que passa a flutuar numa rara redoma de silêncio quando a jovem mãe que nos acompanha fala de ontem, quando o filho de nove anos a acordou chorando no meio da noite com a seguinte pergunta:

– Mãe, por que é que a gente vive se um dia vai morrer?

Tento dizer que a criança descobriu a metafísica, o que é admirável e perfeitamente normal para um garoto vascaíno, morador de Copacabana, matriculado em uma escola laica. A jovem mãe conta que procurou argumentar com aquele velho papo de que viemos ao mundo para fazer coisas boas. O filho, que é cruz-maltino, mas não é bobo, não caiu tão fácil:

– Mas, mãe, e se eu não fizer nada de bom pelos outros? E se eu não for famoso? E se eu não for como o John Kennedy?

E ainda:

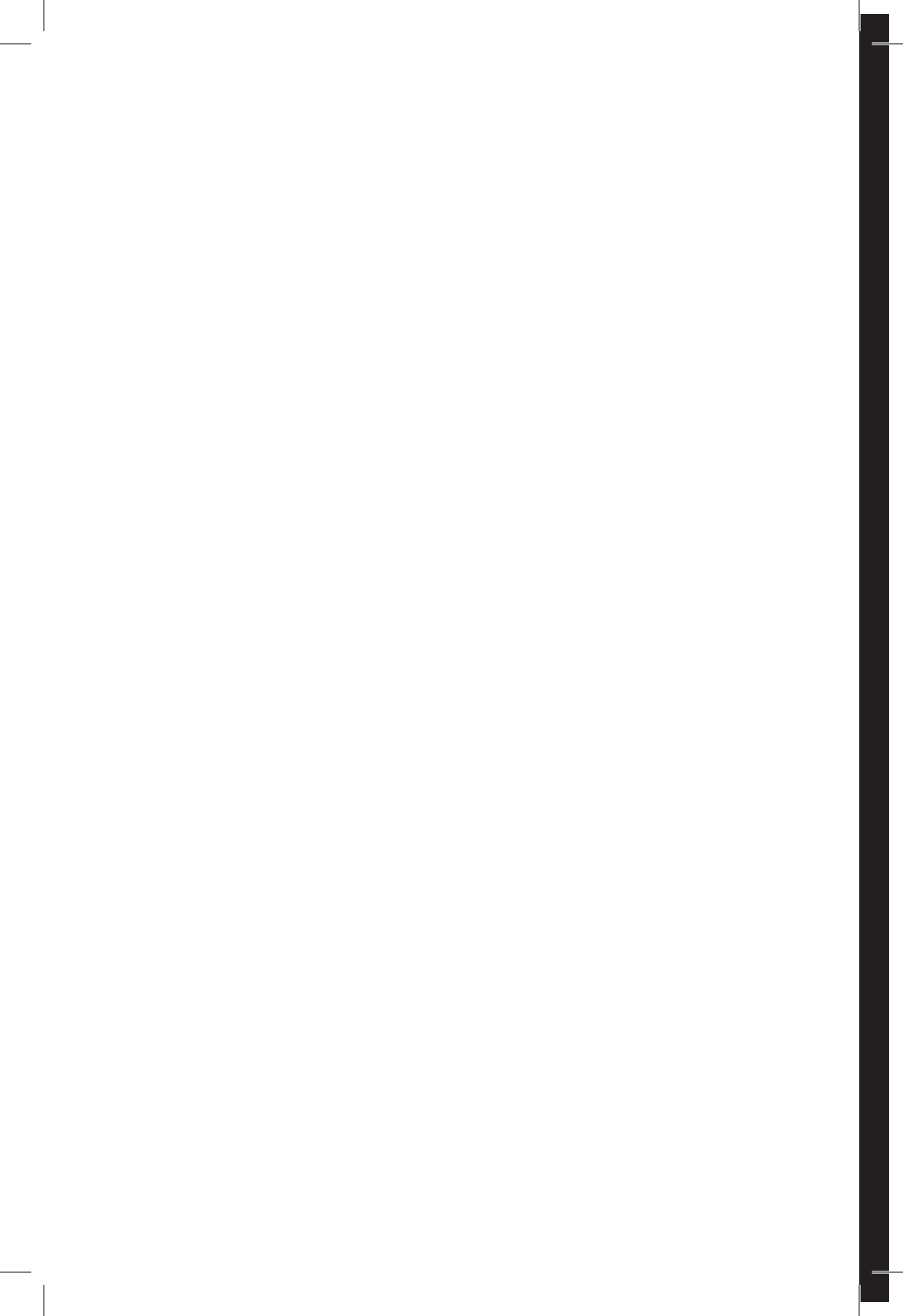
– Eu tenho medo porque eu sei que vou morrer, e quando isso acontecer eu não vou estar mais aqui, e não vou ter mais os meus pensamentos. Eu tenho medo de pensar que um dia eu não vou ser mais eu. O que eu vou ser depois que eu morrer? Eu vou perder os meus pensamentos?

Ao nosso redor, o sistema em desequilíbrio da Pizzaria Guanabara segue em ruidosa desordem, com as portas do banheiro em movimento perpétuo e casais sendo feitos e desfeitos em enorme velocidade. No alto de tudo, estrelas explodem gerando supernovas e o tempo se estilhaça: nosso quadrilátero de ossos no Leblon, o balneário de San Sebastián, a porta verde da *rue* du Temple, 94, em Paris, e todo o nosso sistema solar convergem para um ponto negro, em que todas as direções do tempo se encontram e se anulam num instante puro e vazio.

A jovem mãe, que sabiamente descartará qualquer solução religiosa para a questão, pensa em consultar manuais e desenvolver um porto filosófico para a procura do filho. Dali, procuro emplacar aquele outro velho papo de que “o importante não são as respostas, e sim as boas perguntas”, mas a mãe padece de uma preocupação aguda e urgente, como é a de todas as mães, e deixa rapidamente de considerar minhas opiniões.

O que não digo na madrugada úmida da Pizzaria Guanabara – ou digo na Pizzaria Guanabara que construo agora sobre essa folha de papel – é que o menino de nove anos está condenado.

O menino de nove anos vai passar a vida inteira fazendo perguntas. Mas vai trocá-las por outras – e esse movimento de substituição é o que lhe garantirá a sanidade e a sobrevivência. As novas questões (ou vertigens), que a seu tempo serão também sempre as mesmas, só surgirão quando ele, o menino de nove anos que acabou de descobrir a metafísica, se apaixonar.



ORE POR MIM

E agora me encara com  
os olhos injetados, as  
pupilas escuras como  
duas ilhas Cagarras  
num mar de sangue.



É noite e é a Lapa. Acompanhado por um cortejo de fiéis, saio do Nova Capela carregando a donzela com a mão esquerda e um saco plástico com a direita. Tenho o hábito de pedir a quentinha quando sobra comida na mesa – especialmente por se tratar do cabrito do Capela.

Mesmo que não vá comê-lo depois.

É o que normalmente acontece numa cidade onde o próximo passa fome. Na rua do Riachuelo, quase sob os Arcos, sou interpelado por um sujeito. É um negro gordo, descalço e sem camisa. Pede um trocado, está com fome, desde ontem sem comer e o remédio que o governo... Numa reação instintiva, desvio o olhar, dou-lhe um dribble de corpo e uma passada larga. Mas lembro da quentinha e paro.

Você quer? É cabrito. A expressão no rosto do homem se transforma. Estendo o braço, ofereço o saco plástico, o cabrito flutuando dentro de uma cápsula de papel-alumínio. Do Capela? O homem me pergunta com um tremor de comoção. É do Capela, ainda está quente, respondo. O tom atrevido do primeiro pedido já não existe. Agora o sujeito me encara com o olhar das senhorinhas ao santo padre.

O senhor é um sujeito iluminado. Eu estava na maior necessidade e agora um cabrito... Muito obrigado. Saiba que tem aqui um amigo. Um novo amigo! Qual é o seu nome? O homem mistura as frases umas nas outras, agarra meu antebraço com a mão inchada. A donze-

la e meus velhos amigos já estão algumas dezenas de passos adiante. Quando olham para trás, se perguntam: estará louco?

Aqui, o homem insiste: qual o seu nome? Eu respondo. Ele me estende a mão. Não se nega cumprimento a ninguém – e mão suja por imunda, sei que beijei piores. Meu nome é Luiz Alberto, e o senhor é um homem bom, repete e cresce para mim num abraço salpicado de areia.

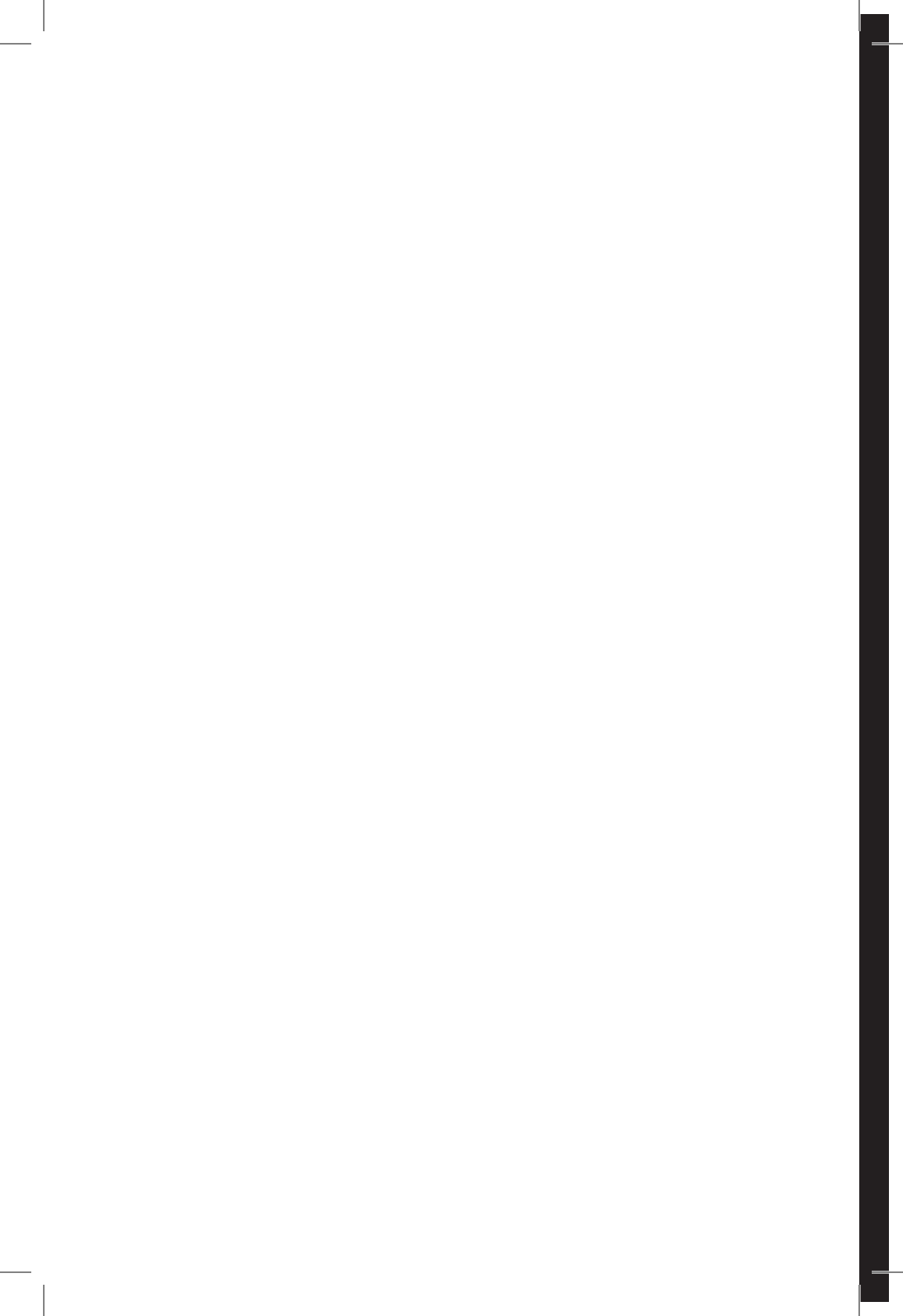
Eu queria fazer um pedido ao senhor, me pergunta com a posse definitiva dos restos do cabrito. É que a minha vida está numa pior. E agora me encara com os olhos injetados, as pupilas escuras como duas ilhas Cagarras num mar de sangue. Eu queria fazer um pedido, com toda a consideração ao amigo. Ao senhor amigo. É que o senhor não sabe as coisas que me acontecem. O senhor não imagina.

Agora, o homem me constrange. Sua insistência me dá pena e certa irritação. Quando percebo que estou irritado, me sinto instantaneamente culpado – e mais constrangido. Quero sair dali, continuar meu périplo pequeno-burguês por bares sujos como a mão que o homem me oferece, e penso nos meus amigos e na donzela, imagino que até tenham se esquecido de mim, que tenham virado a esquina da Joaquim Silva e me deixado para trás – o que cedo ou tarde há de ocorrer, mas que não seja hoje, que não seja agora.

Começo a ir, a separar nossas existências em definitivo, ando de costas num passo ridículo, estico o pescoço para enfim ouvir o que quer o novo dono do cabrito, imaginando que jamais vou atendê-lo. E ele faz o pedido final, absoluto: ore por mim, senhor.

Luiz Alberto é meu nome. Não se esqueça do meu nome: Luiz Alberto. Ore por mim hoje à noite, senhor. Eu preciso. E o senhor não sabe. O senhor não imagina como eu preciso. Ore por mim. Não se esqueça de mim. Ore por mim.

Desapareço na sombra dos Arcos, jogo um aceno triste ao homem e sufoco o desejo de pedir ao Luiz Alberto que também ore por mim.



# O CASAL DESCONHECIDO

E nisso também haverá alívio:  
*o inferno é real.*

Amanhece por trás das cortinas e o casal desconhecido acorda aninhado, sem pressa, com a falta de cerimônia de quem entrelaça as pernas e suja de vinho o lençol na primeira noite. O casal desconhecido aos poucos percebe que divide a cama em terra de ninguém: um muquifo alugado num subúrbio de Paris, um apartamento emprestado em Botafogo, a locação de um filme barato na Gomes Freire – não importa onde, a cena é a mesma.

O casal desconhecido levanta sem muita pressa ou palavras (bendita a formalidade do semianonimato) e, com sorte, encontra café no armário.

“Açúcar ou adoçante?” é uma das perguntas inaugurais que fazem o casal desconhecido menos desconhecido na manhã seguinte. É o começo do fim, alguém diria. Como “eu te amo” é daquelas frases que só têm sentido quando ditas pela primeira vez. Depois viram tralha semântica, perdem o significado até que sejam repetidas para outrem – com quem se formará o próximo casal desconhecido.

Mas, para isso, haverá tempo.

\*\*\*

Ainda que se defina na noite anterior uma ética da ausência futura (de que aquela será a última noite e esse o último despertar), depois do primeiro café e do primeiro jornal lido em silêncio (bendito o silêncio

do semianonimato), o casal desconhecido começará, desgraçadamente, a conhecer-se.

Essa iniciativa em geral cabe às mulheres: contam a idade com que começaram a menstruar, quantos namorados tiveram, quanto tempo durou cada um, e nos enchem de detalhes que não interessam naquela primeira manhã. Essas mesmas historinhas, passados dois ou três meses, representarão o desenho das portas do inferno na Terra para nós, agora convertidos em partícipes ciumentos de um novo casal.

E nisso também haverá alívio: *o inferno é real*.

\*\*\*

O espaço da cama do casal desconhecido nessa primeira manhã é, ainda, terreno neutro. Essa neutralidade tem mais a ver com o tempo que desenhamos sobre os lençóis alheios do que sobre o espaço em si. (Ernesto Sábato em *Heterodoxia*: “Almejamos a eternidade, isto é, o presente absoluto.”)

O momento em que a cama se converte em tabuleiro de xadrez ou terreno minado confunde-se com o dia em que o casal desconhecido começa a fazer planos de sobrevivência, mesmo que em segredo. O casal desconhecido, quando começa a se conhecer, esquece que a única eternidade possível é (foi) aquela, da primeira manhã, a última (a primeira, a única) vez em que estiveram realmente ao mesmo tempo no mesmo lugar.



AGONIZA MAS NÃO MORRE

Na praça enlameada, os  
mendigos não dançavam  
apenas o samba...

O céu pálido e desbotado, sem variação de tonalidade. Tinta quente derramada sobre a nossa cabeça. Na praça, pedestres ultrapassam acampamentos de mendigos, camelôs, pombas. Perto do escorega, um homem fuma e joga as cinzas na própria boca – a língua como cinzeiro. As crianças se castigam e levantam poeira, nem aí. No largo do Machado é sempre anteontem.

Alheio ao entorno, um pequeno grupo está imobilizado em frente ao palco montado sobre o caminhão verde. Ali, uma legião uniformizada de panfleteiros agita bandeiras com nomes, números e rostos sorridentes. Tentando acompanhar a música, um casal de mendigos evolui na passarela improvisada de pedras portuguesas. O público disperso da apresentação do Nelson Sargento na praça, às cinco e qualquer coisa da tarde da última quarta-feira, era de trinta pessoas – mais para menos do que para mais.

Diz a história que, quando o Rio de Janeiro foi fundado, o largo do Machado era um pântano conhecido como “lago do Suruí” – um tipo de molusco. É no pântano, entre sujeira, sapos e cipós atravancando a passagem, que o baluarte do samba, oitenta anos recém-completados, canta e toca violão embalando a dança dos miseráveis e o sono do cachorro na praça quase vazia.

Há uma Kombi no canto oposto da praça, disputando eleitores e decibéis com o carro de som do sambista. Depois de terminado o show,

vou tirar satisfações com o almofadinha militante que tem o microfone da concorrência na mão. “Você sabe quem era aquele cara cantando ali?”. O militante responde apenas que tem licença e exalta-se: “Eles não têm licença para fazer isso aqui. Eu tenho!”. Licença por licença, o Nelson tem a poética.

Na praça enlameada, os mendigos não dançavam apenas o samba que saía dos dedos e da voz grave do autor. Dançavam o Brasil, que agoniza mas não morre, como o samba – e como todos nós, às vésperas de mais uma eleição vazia. “Samba / Agoniza mas não morre / Alguém sempre te socorre / Antes do suspiro derradeiro / Samba / Negro forte e destemido / Foi duramente perseguido / Na esquina, no botequim, no terreiro / Samba / Inocente pé no chão / A fidalguia do salão / Te abraçou te envolveu / Mudaram / Toda sua estrutura / Te impuseram outra cultura / E você não percebeu” (*Agoniza mas não morre*, Nelson Sargento).

CARNAVAL JÁ PASSOU

Calam os subúrbios  
escuros. Calam as avenidas  
fechadas. Calamos nós.

Queria escrever uma crônica para os que tiveram um carnaval triste. Para os que acordaram na quarta-feira cinzenta, sozinhos outra vez, com gosto de semana passada na boca. Para os que, inicialmente tímidos e depois desesperados, viram seu amor-próprio desmoronar à medida da sequência inevitável de foras e olhares gélidos lançados pelas colombinas, indiazinhas, diabinhas e bailarinas.

Uma crônica para o exército de reserva dos tamborins, para os coadjuvantes fora de quadro, para os que acabaram a folia com um zero a zero estampado no placar e na testa. Para todas as moças que se perfumaram e fantasiaram, e dançaram com samba no pé, e distribuíram olhares, e viraram o pescoço, e imaginaram tanto. E nenhum único vem cá, meu bem. E nada.

Escrever uma crônica dedicada aos pierrôs que descobriram seus amores nas mãos do alheio, a boca aberta em outra, fazendo gargarejo com suas lágrimas. A todos os que flagraram a desejada beijando lividamente o anônimo, entre centenas de corpos em movimento, sob uma tempestade de confetes e em meio à batucada acelerada de um bloco que, a partir dali, ganhará um sentido de vertigem insuportável. Uma crônica aos que sofreram as insídias do amor durante o carnaval nublado, e que tudo viram com olhos metafísicos, numa percepção aguda da realidade que o latão de cerveja quente não vai mitigar.

Aos bêbados que choraram confissões às sombras nas paredes. Aos que lamberam a calçada, beijaram o poste, abraçaram o gelo-baiano. Às mulheres que por aí esqueceram calcinhas e partes irrecuperáveis de si. Aos foliões reflexivos que, no meio do refrão, pararam e se perguntaram: “por quê?”. Ao ritmista que atravessou, levou um pescotapa do mestre e foi expulso da bateria no meio do desfile. Aos que se sentem distantes de tudo, mesmo no meio da muvuca atroz do Terreirão do Samba na praça Onze. Aos que foram barrados na porta do camarote da cervejaria – e, principalmente, aos que entraram no camarote da cervejaria. Às passistas de corpo esculpido carregando as flechas de tantos olhares sabendo que nenhum, nenhum deles, realmente a quer de verdade – pois elas, como todas as mulheres, são outras que nenhum, nenhum deles, jamais conhecerá.

Aos melancólicos senhores e senhoras com os cotovelos apoiados nas janelas de Laranjeiras, a quem o carnaval faz lembrar certa pureza esquecida, de bailes em Paquetá, lança-perfumes e marchinhas de uma cidade que não mais existe – de uma vida que se aproxima do fim. Aos persistentes infelizes por vocação que lotaram salas refrigeradas de cinema, livrarias e cafés tentando fingir que não houve o carnaval.

Uma crônica que faça homenagem aos rebaixados na passarela, que preste tributo aos que tiveram o samba derrotado, que dê consolo aos turistas assaltados e esculachados na cidade maravilha. Um alen-



to aos fracos que desistiram da multidão do Cordão do Bola Preta, que tiveram medo da Rio Branco noturna do Cacique de Ramos, que afrouxaram a garganta no único momento que poderia salvá-los do carnaval triste. Uma crônica que tire um pouco do peso daqueles para quem o término do carnaval é sinônimo de nada mais restar, é caldo de fim de feira às margens do precipício, é tristeza e medo pelo que virá no resto do ano. Porque o ano, após o carnaval, é resto. É o pouco que sobra.

Acabou, e sempre acaba cedo demais, chega rápido o último dia. Depois, só no ano que vem. Já acabou: as cinzas de quarta-feira caem sobre a última dança. Os ambulantes arrastam seus carrinhos, as baterias recolhem suas peças, o eco das notas do samba derradeiro flutua sobre nós. Sob o grave de um surdo solitário, acaba o carnaval. Já limpam as ruas, os carros já vêm. Calam os subúrbios escuros. Calam as avenidas fechadas. Calamos nós. Acabou. Logo amanhece, e já não seremos quem fomos. Como agora, sem carnaval, vamos nos justificar? E, até o próximo, o que será de nós?